

# SETE INTERROGAÇÕES PARA A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

## SEVEN INTERROGATIONS TO CONTEMPORARY SCIENCE

Norval Baitello Junior<sup>1</sup>



### RESUMO

Neste artigo, a ciência, a mídia e a cultura produzidas pelo capitalismo são colocadas em perspectiva por uma reflexão ensaística, questionadora e cética. Temas atuais como aparelhamento das ciências, desenraizamento do presente e poluição imagética são tratados como efeitos de potências destruidoras inerentes ao poderio da civilização capitalista.

**Palavras-chave:** Giftschränk. Ciência Aparelhada. Produção de Ignorância Sistematizada. Desenraizamento do Presente. Fundamentalismo.

### ABSTRACT

In this paper, science, media, and culture produced by capitalism are put into perspective by an essayistic, questioning, and skeptical reflection. Current issues such as the rigging of sciences, uprooting of the present and imagery pollution are treated as effects of destructive tendencies inherent in the power of capitalist civilization.

**Keywords:** Giftschränk. Instrumentalized Science. Systematized Production of Ignorance. Unraveling of the Present. Fundamentalism.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlin; professor na Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; coordenador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em semiótica da Cultura e da Mídia (CISC); assessor do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## O “GUARDA-VENENO”

Carl Georg Heise, diretor da importante Kunsthalle, o maior museu de arte da cidade de Hamburgo, Alemanha, em sua tenra juventude teve a fortuna de uma tutoria intelectual tão improvável quanto preciosa. Sua mãe, por conhecer uma amiga da artista Mary Warburg, consegue que seu marido Aby Warburg receba o adolescente para orientá-lo em seu pretendido estudo de História da Arte, antes mesmo que ele se candidatasse a uma vaga. Warburg assumiu o papel de um rigoroso tutor que exigia de seu pupilo exercícios intelectuais de grande complexidade e depois o corrigia duramente apontando seus erros e vícios. Mesmo assim, tal tutoria se estendeu por meses incluindo visitas a renomados museus, nos quais o jovem Carl era solicitado a fazer leituras de determinadas obras para que o mestre em seguida apontasse os “erros” interpretativos e os equívocos metodológicos do pupilo.

Aby Warburg é hoje, muitas décadas depois de sua morte em 1929, redescoberto e estudado como sendo o propositor de uma “ciência sem nome” que lidava com as imagens em seu potencial de impacto, buscando em sua etimologia as raízes para esta força. Paralelamente ao desenvolvimento de uma biblioteca magistral, refletiu e deixou registros de famílias e linhagens de imagens que permanecem ativas sob outras vestimentas, criando vidas após vidas de um mesmo valor, de um mesmo sentido, de uma mesma força impactante. Vindo de estudos de Arqueologia e História da Arte, sua reflexão aponta deficiências no olhar disciplinar e busca demonstrar que não basta uma iconologia sozinha sem que ela seja construída a partir de rastros deixados por outros olhares e outras épocas, bem como seja vista como um objeto que tem a capacidade de mover e comover aqueles com

os quais interage. A isto chamava de “fórmula de emoção” (Pathosformel).

Quase vinte anos depois da morte do mestre, o discípulo Carl Georg, já formado e renomado, publica um pequeno livro com suas “*Recordações Pessoais de Aby Warburg*” (*Persönliche Erinnerungen an Aby Warburg*, 1947, 1959, 2005), a pedido dos irmãos de Aby.

Nele conta o teor das críticas que suas leituras de obras recebiam: “prática de um olhar exclusivamente estetizante” que não permitia enxergar o ambiente das obras estudadas, suas raízes profundas, seu sentido, seus diálogos e suas projeções. Vejamos que se tratava de obras de arte e mesmo assim não deveriam ser vistas apenas esteticamente. “O estético não era proibido, de maneira alguma, apenas não era um conceito central”, dizia Warburg. E, para ser mais incisivo, mostrou o mestre que mantinha em sua biblioteca um “guarda-venenos” (Giftschrank, armário dos venenos), uma secção inteira onde estavam todas as obras que praticavam visões nocivas para a época, para a cultura e, em última instância, para o humano. Heise descreve com vivacidade a “chuva de granizo dos xingamentos contra a visão de Renascimento de Gobineau<sup>2</sup>” e contra sua “violentação pseudo-poética da história”.

O conclusivo e tocante testemunho de Heise: “Não havia visita a Warburg em que não chegasse com palpitação, tampouco havia uma só vez que não saísse carregado

<sup>2</sup> Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) foi um diplomata francês, com pretensões de pensador e literato. Sua segunda missão diplomática foi no Brasil, e foi um crítico severo da miscigenação racial, recomendando ao Imperador Pedro II ações para o branqueamento da raça, por meio da imigração de raças que ele considerava “superiores”, as europeias. Publicou ensaios sobre a desigualdade das raças, sendo um dos primeiros a defender, no século XIX, pontos de vista racistas e a favor da eugenia.

com tesouros, às vezes mais pesados do que minha capacidade de carregá-los.”

Ao contrário dos leitores da estética apenas, Warburg era um decifrador dos enigmas das imagens, mas não de forma intuitiva. Sempre buscava evidências documentais, fundamentações científicas, com incansáveis investigações em todas as fontes possíveis, mas sobretudo aquelas arcaicas, a mitologia, a arqueologia, a etimologia. Por isto construiu durante sua vida toda a notável Biblioteca Warburg de Ciências da Cultura. Nela reuniu as mais improváveis fontes, as mais raras e diversas obras de outros modelos de pensamento e de ciência, os saberes banidos, as ciências esquecidas ou desacreditadas, pensamentos de outros povos e de outras épocas. Mesmo aquelas obras que difundem preconceitos, visões estereotipadas, fundamentalismos e intolerância estão presentes na Biblioteca Warburg, ainda que sob a rubrica de “Giftschrank”.

## A CIÊNCIA APARELHADA

A crença de que há uma única ciência, neutra e desinteressada, acima do bem e do mal, propalada desde o século das luzes como caminho inexorável da verdade, há muito caiu por terra. Servir a interesses específicos, a senhores e detentores de aparelhos poderosos, já se tornou uma evidente imagem do século XX, desde o momento em que se tornam públicos os escândalos da pesquisa financiada pela indústria tabagista para controverter as descobertas médicas dos malefícios causados pelo vício do tabaco. Hoje há um sem número de financiadores de pesquisas aparelhadas. Desde aquela financiada pelas empresas de novas tecnologias de comunicação até

aquelas associadas à produção de alimentos industrializados, sem nos esquecermos da chamada “revolução verde”, onda mundial que potencializou a produção de alimentos associados ao aumento exponencial do uso dos agrotóxicos. Também é notório o investimento em pesquisas “lucrativas” e o conseqüente desinvestimento em pesquisas de produtos que tragam menos custos para seus usuários. A indústria farmacêutica é conhecida mundialmente por praticar uma ciência aparelhada. Também o fazem “cientistas” a serviço da indústria de morte, da guerra e dos armamentos letais. Igualmente o fazem aqueles que são pagos para duvidar “cientificamente” dos alarmes de há décadas sobre a catástrofe climática no planeta.

Assim, trata-se de uma indagação gravíssima aquela que procura entender o que é uma “ciência aparelhada”.

## A “PRODUÇÃO DE IGNORÂNCIA SISTEMATIZADA”

Uma outra indagação que devemos fazer com a máxima urgência é aquela que trata dos mecanismos de “produção de ignorância sistematizada”. Tal expressão usada pelo médico Paulo Saldiva abrange os incontáveis entraves para o esclarecimento de uma coletividade, de um país, de uma nação, de um bloco de nações, às vezes mesmo de populações indistintas do planeta inteiro. O desinvestimento em educação e pesquisa é um dos fatores a serem considerados seriamente. O país que desinveste em educação está produzindo vassalos, súditos e cidadãos de segunda classe, incapazes de exercer até mesmo a defesa de sua dignidade. A produção da ignorância normalmente emerge em

contextos de grandes crises e por mecanismos de priorização de interesses suspeitos, favorecimento de ações de curto prazo e lucro certo e imediato. Há sempre uma motivação político-econômica para a P.I.S., sobretudo em países e regiões de grande potencial econômico e baixo índice de desenvolvimento humano. Entrega-se a poucos a exploração dos recursos e os benefícios, enquanto muitos são mantidos subinformados, subalimentados, sub-humanos. A P.I.S. é uma estratégia de planejamento, ela gera ignorância presente e futura. Cuida para que nada se mude, sobretudo a capacidade de dispor da informação adequada e vital.

O mundo que emergiu no século XX, com a explosão dos meios de comunicação de todo tipo, com o acesso quase irrestrito à circulação da informação, deveria ter trazido uma redução da P.I.S.. Perguntamo-nos então por que razões isto não ocorreu. Uma das respostas mais evidentes é a indústria da informação nas mãos daqueles que participam da arquitetura da P.I.S., os grandes veículos de mídia. O que vemos, então, é uma orquestração das “estratégias de emburrecimento” (conforme formulou o jornalista alemão Harry Pross).

## A CEGUEIRA PARA O APOCALIPSE

Foi o notável filósofo Günther Anders quem apontou que o primeiro efeito do apocalipse é cegar os olhos para o próprio apocalipse. Assim, quem está mais envolvido nas desgraças e maldições do nosso tempo tende a enxergá-las como avanço e progresso, como a chegada do futuro e das promessas. O pensamento “estetizante”, vamos chamá-lo assim, enxerga beleza nas manobras aéreas de caças-bombardeiros dos filmes de guerra

e dos noticiários de ataques a alvos civis. Assim nasceram, nas filmagens da 2ª Guerra Mundial, aquilo que Benjamin chamou “estetização da política”, que via beleza e força vital não apenas nos ataques aéreos e nos cogumelos atômicos, mas até mesmo nas hipnógenas mobilizações de massas para adoração de ídolos e símbolos, até mesmo nos desfiles de armamentos, de exércitos, de cavalarias, de uniformidades e regularidades rígidas e hipnotizantes. O apocalipse se apresenta sempre como espetáculo, a princípio belo, e depois de cegar, devorador e desolador.

Anders foi o primeiro ativista antia-tômico, logo nos primeiros anos depois das bombas de Hiroshima e Nagasaki. Iniciou seu ativismo com a correspondência com Claude Eatherly, um dos pilotos que jogaram as bombas. Descobriu que os pilotos foram “desinstruídos” sobre o potencial arrasador de seu ato obediente.

## O APAGAMENTO DAS ORIGENS E O FUTURO COMO REFÚGIO

Duas grandes enfermidades do tempo acometem nossas existências e comprometem nossa ciência. A primeira delas é o apagamento das genealogias. Dietmar Kamper chamou de “esquecimento da origem” a tendência a descartar as memórias profundas, as motivações soterradas, como se fossem lixo imprestável e não construtoras de nossa própria natureza. Também Sigmund Freud descobriu, com seu método psicanalítico, que a regressão é terapêutica, pois ela restaura elos de sentido rompidos ou reprimidos. Ninguém estará confortável em seu presente se não puder saber-se resultante de linhas de força fincadas no fio-terra

das origens. É este que suporta as descargas elétricas do difícil presente, tempo dos embates e das crises, do êxtase e da dor. É difícil habitar nosso presente, como está cada vez mais difícil habitarmos o próprio corpo. Tanto mais difícil será quanto menos ancorados estivermos em memórias fundantes.

A outra enfermidade do tempo é o uso do futuro como refúgio. Sem o aterramento das memórias, o presente se torna ainda mais áspero e inóspito, como encruzilhada que é, tempo de decisões e escolhas. Desabitá-lo, esvaziá-lo com projeções e anseios, fugir dele antecipando-se, pré-ocupando-se com o futuro, transferindo-se imageticamente para o futuro, esta é uma das mais letais fórmulas de negação da vida.

## UMA NOVA IDADE MÉDIA: A ERA DAS IMAGENS NOS AMBIENTES MEDIÁTICOS

O fim do século XIX viu questionados os cânones da estética como medida de todas as coisas. A imagem pictórica começa a se desfazer enquanto fotografia do belo. A fotografia já estava começando a fabricar ambientes de imediata verossimilhança que a pintura jamais quisera. A reprodução infinita de cópias idênticas inicia sua carreira que culmina hoje com a fabricação facilitada de infinitas cópias carregadas em dispositivos móveis e miniaturizados. Os ambientes criados pelas imagens mediáticas são tão poderosos que não há mais refúgio para os olhares. Em qualquer lugar que nos encontremos estaremos ao alcance dos registradores de imagens e estaremos cercados pelas imagens. Sua estética já pouco ou nada importa, o que importa é sua recorrência.

Benjamin chamou a isto “valor de exposição”. As imagens não valem pela sua verdade, mas pelo número de olhares que atraem, números de “likes” ou “viewers”. Esses números são transformados em “indulgências” dos deuses do nosso tempo, os deuses do capital.

Nikolai Berdiaev chamou nosso tempo de “uma nova idade média”. De fato, como na idade média, as imagens hoje valem por sua força de evocar a divindade única em uma operação de transcendência, ou melhor, de transvalorização. Pouco importa sua consistência ou sua verdade.

## OS AMBIENTES ENVENENADOS

O mundo povoado pelas imagens que se proliferam como células cancerígenas passou a se constituir como um ambiente inóspito, de intolerância e de fundamentalismos. Só se permite a reprodução, o igual, o mesmo. O novo e o diferente não operam na lógica da quantidade, da reprodução infinita, criam, portanto, diversidade, variação, heresia. Tal regra vale para a indústria da moda, a indústria de objetos, para as hordas de esportistas uniformizados, para os protestos dos refinados terraços gourmets, a silenciar com painéis a outra opinião. Vale para os canais de mídia audiovisual, tão iguais uns aos outros que constituem um monocórdico cenário. Mas, estranhamente tal ambiente contamina também a chamada “produção científica” que valoriza a repetição do mesmo, a reprodução, a quantidade. Ambiente de fundamentalismos são ambientes envenenados. E não nos referimos aqui aos fundamentalismos religiosos tradicionais, mas ao onipotente fundamentalismo do maior senhor do nosso tempo, o capital, um deus titânico para o qual não há lei nem justiça, apenas poder.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

HOISE, Carl Georg. **Persönliche Erinnerungen an Aby Warburg**. Otto Harrassowitz Verlag, 2005.

WULF, Christoph; BAITELLO JR. Norval. **Sapientia: uma arqueologia de saberes esquecidos**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2019.